



PAULO SANDRONI
FGV-EAESP

paulo.sandroni@fgv.br

aldeia

Sinais de recuperação

A **economia brasileira** dá sinais de franca recuperação. A crise iniciada em 2008 nos Estados Unidos nos jogou na lona em 2009, mas o PIB se levantou bem antes da contagem dos 10 segundos. A principal razão foi a solidez do nosso sistema financeiro. Nenhum banco importante operando aqui teve de ser socorrido, nem quebrou, espalhando o vírus da insolvência.

Alguns atribuem o fato à existência de regulamentação e fiscalização do Banco Central. O controle ajudou. Mas a saúde do sistema deveu-se ao que faz qualquer banqueiro sorrir: um cliente super seguro que paga juros estratosféricos. Esse ser dadivoso, como sabemos, é o governo federal, que necessita rolar sua crescente dívida pública.

Nossos bancos não precisaram sair à cata da galera do *sub-prime* como ocorreu com os irmãos norte-americanos. Lá, uma taxa de juros (*prime*) foi fixada no encontro do rodapé com o assoalho, isto é, oscilando em torno de 1% ao ano a partir de setembro de 2001. Por quê? Para reverter as expectativas sombrias depois dos atentados de 11 de setembro. Diante dessa taxa irrisória, bancos e financeiras iniciaram a temporada de caça aos que pagassem mais. Entra em cena a turma do *sub-prime*: clientes sem garantias, mas dispostos a encarar taxas de juros (flutuantes) bem mais elevadas. A partir de 2005, a expansão do consumo e o temor de pressões inflacionárias levou o

FED a aumentar os juros, pegando, assim, os endividados no contrapé. Quebradeira geral. O socorro veio com vigorosa intervenção governamental – coisa que nem os intervencionistas norte-americanos gostam muito.

No Brasil, ao contrário, com taxas de juros estratosféricas, os balanços dos bancos nunca foram tão bons. Mas a crise internacional derrubou os preços das exportações e as quantidades exportadas. Como sempre fazem quando perdem mercados, empresários começaram a demitir e/ou a dar férias coletivas, além de reduzir seus planos de investimento. Não adiantaram os apelos do governo para que as empresas segurassem seus trabalhadores, pois cada demissão ocasiona menor consumo, redução dos lucros, menos investimentos e novas demissões. O círculo vicioso da recessão.

Para quebrá-lo, o governo adotou a política correta: reduziu preços de carros, linha branca, material de construção, cortando impostos. O consumo se manteve – em alguns casos, até aumentou – as demissões foram interrompidas e o PIB não caiu tanto como em outros países. O crescimento real do salário mínimo e as políticas sociais como o bolsa-família também ajudaram. O último ano foi um *round* perdido, mas que preparou a recuperação dos investimentos e do PIB para 2010. Custo: as contas públicas se deterioraram. Bem, mas deixemos isso para depois das eleições... ✕